

# O COMBATE DO RIO NEGRO

Antônio Augusto Ferreira

Rio Negro foi assim, mais que um combate,  
foi todo um dia devotado à fera,  
e a gente viu as presas da pantera  
cravarem-se mortais na carne humana  
no lugar preferido: a jugular.

Rio Negro, como palco que era verde,  
ficou tomado de vermelho e preto,  
e a gente viu a força com que o ódio  
irrompe dessa audácia que há no homem  
pra dar lugar à fúria do animal.

O combate era entre tropas da fronteira,  
homens forjados no calor da guerra  
que nesse dia fez tremer a terra  
com sentenças de morte sem defesa.  
Foi condena de tantos, que eram bravos,  
e vendo-se perdidos, soltam armas,  
mas tombam degolados no holocausto  
pra que o ódio se espoje no banquete  
e a fera possa devorar a presa.

Essa revolução vinha de longe,  
tava estampada n'alma e nos pescoços.  
A cor de lenço era o brasão dos moços  
que os unia ao caudilho do lugar.  
93 já tinha feito estragos  
nas heróicas cargas a cavalo;  
e as mortes a fuzil e a ferro branco  
semeavam carniças pelo pago.

O combate em Rio Negro foi terrível.  
Joca Tavares, do quartel de João Francisco,  
com 3.000 homens, em manobras ágeis,  
cerca e envolve a força governista.  
Já não dá mais pra resistir na guarda,  
a desvantagem em número e terreno  
obriga os homens a depor as armas.

Ao todo são 300 prisioneiros  
que estão agora maneados na mangueira.  
O comandante vencedor se afasta,  
mas e quem é que fica em seu lugar?

Pois é aí que surge no cenário  
a figura mortal de Adão Latorre,  
de faca em punho pra tratar dos presos.  
É que ele tinha contas a ajustar.

Manda trazer pra fora os prisioneiros,  
um por um, despojados e maneados,  
vêm sendo apresentados pra sentença.  
A razão é indiferente na degola  
e a decisão dispensa os argumentos.

A execução começa sem rodeios:  
amunta no cangote do vivente,  
a mão esquerda puxa-lhe os cabelos,  
enquanto a faca abre dois buracos  
na carótida que esguicha o sangue quente.

É degola brasileira a que pratica  
nesse começo mais que criterioso  
de matar prisioneiro a sangue frio.

Vem outro condenado - um salto, o talho;  
a mão, as roupas se empapando em sangue  
aumentam o furor do coronel.  
Esse bôrum de sangue, suor e fezes  
e o terrível odor que tem a morte  
atrai a cachorrada do galpão  
que vem lamber as poças no local.

Uma carroça embarca o degolado  
depois que ele exercita os movimentos  
subseqüentes ao golpe da degola:  
primeiro vem o talho e a golfada.  
depois, pára de pé, ensaiá uns passos,  
solta uns gritos e uns roncos de terror,  
estremece, cai e se contorce até a morte.

Latorre afia novamente a faca,  
parece conhecer o seu ofício,  
mas à medida que lhe espuma o ódio  
muda de tática, mostra outra maneira  
de passar um cristão no fio da faca..

É a "criolla", a que exige menos,  
não requer cuidados nem perícia,  
o talho a trafegar de orelha a orelha,  
um golpe só, cortando artérias, goela,  
igual a quem, não sabendo, sangra ovelha.

O prisioneiro Pedroso é altaneiro  
mas tenta negociar com a facínora:  
"- Quanto vale a vida, Adão,  
de um homem bueno e valente?"  
"- Valente sim, vossimecê,  
mas bueno não, pelo que andou fazendo.  
A tua nada vale, tá no fio da minha faca".  
Pedroso sente o calor da antiga luta,  
levanta o queixo, entesa o corpo, afronta a faca:  
"- Então degola, negro fiadaputa!". (\*)

O local tá virado em sangue e barro  
numa pasta que já vai se grudando  
nas botas dos soldados.  
Os caranchos estão sentados  
nos galhos dos umbus  
à volta do massacre..

O carroceiro leva os corpos quentes  
pr'uma lagoa, jogando-os n'água para  
que se afundem.  
Essa lagoa passou a chamar-se "Música"  
pois dizem que os gemidos dos coitados  
ainda hoje assombram essas plagas.

Vem notícia pior da beira d'água:  
uma vara de porcos esfomeada  
pressentiu o fartum da carne fresca  
e está devorando alguns cadáveres  
pois não deu tempo de os jogar no fundo  
ficando alguns largados pela margem.

Ao todo são trezentos os da faca?  
Ainda hoje se discute o número  
dos sangrados neste dia, no Rio Negro.

E o que ficou desse macabro fato,  
que teve represália no Boi Preto,  
onde outro coronel, um outro bárbaro,  
deu o troco de moeda de igual peso?  
Ficou-nos esse quadro de tragédia  
que não se apaga nunca, nem num século,  
e mancha tão profunda nossa alma  
quanto denigre a história conterrânea.

Rio Negro foi assim, mais que um combate,  
foi todo um dia devotado à fera!